

humanitas

Vol. XV–XVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XV E XVI



COIMBRA
MCMLXIII-LXIV

ALGUMAS RELAÇÕES ITALIANAS DE CATALDO ÁQUILA SÍCULO

As relações de Cataldo Parisio Sículo estão, há séculos, consignadas nas epístolas que escreveu, nos poemas e epigramas que compôs. E há muito que continuam à espera de estudo elucidativo que as valorize para a História da Cultura em Portugal.

Não há nestas palavras qualquer exagero: a vida intelectual da corte de D. João II não pode ser julgada com exactidão, sem o estudo bem documentado da obra do humanista italiano, tão ligada a alguns dos grandes nomes da época e às preocupações que os dominavam.

A divulgação da obra de Cataldo deve ter conhecido um eclipse quase total, logo após a morte do autor, ocorrida, segundo a criteriosa demonstração do Prof. Doutor Luís de Matos (1), à roda de 1514.

A precária reimpressão da maior parte dos *Poemata*, feita por António de Castro (2), anos mais tarde, deve ter sido baseada em manus-

(1) Em breve mas importante artigo, com o título de «Nótulas sobre o humanista italiano Cataldo Parisio Sículo» in *A Cidade de Évora*, 35-36 (1954), pp. 2-13.

Das obras de Cataldo, só duas podem datar-se *prima facie*, a saber, as *Epistolae et Orationes Quaedam Cataldi Siculi* e o manuscrito *Ad Leonem Summum De Diuina Censura et Verbo Humanato* que vem mencionado por Cunha Rivara no vol. II, p. 46, do seu *Catalogo dos Manuscritos da Bibliotheca Publica Eborensis*.

Com efeito, o cólofon daquele livro dá-o como «Impressum ulyxbone: anno a partu virginis millesimo quingentesimo, mense februarii, die vicesimo primo», embora no meu espirito subsistam algumas dúvidas sobre a exactidão dessa data de 21.2.1500. Quanto aos três livros do *De Diuina Censura et Verbo Humanato*, dedicados *Ad Leonem Summum*, só podiam ser posteriores a Março de 1513, altura da elevação de João de Médicis ao pontificado, com o nome de Leão X.

As restantes obras, segundo o Prof. Doutor Luís de Matos, no artigo citado, foram impressas, respectivamente, cerca de 1502, os *Poemata*, e em 1513 ou 1514, os *Visionum Libri* e a *Cataldi Epistolarum et Quarundam Orationum Secunda Pars*.

(2) Não vi qualquer exemplar desta edição que é usualmente datada de 1509, segundo informação colhida em Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*. Mas a

critos, pois abundam as variantes neste texto, incluído no século xviii, por D. António Caetano de Sousa, no vol. VI, ii parte, das *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa* (1).

De mais, António de Castro, no Prefácio dirigido ao «cultíssimo leitor», apresenta as composições poéticas de Cataldo como inéditas, mostrando assim claramente ignorar a existência de uma edição anterior. Além disso, no capítulo «De ipsius Auctoris Vita ad Lectorem», fonte de alguns erros posteriormente repetidos pelos que se ocuparam de Cataldo, alude de modo um tanto ambíguo ao desaparecimento dos escritos do humanista italiano: «Quamplura scripsit volumina quae injuria temporis (ne gravius quidpiam dicam) periere: ipse namque ad Emmanuelen! regem scribens, se Homerum librorum numero consecuturum dicit idem ad Petrum Menesium».

Mostra, por outro lado, conhecer a existência de cartas de Cataldo, provavelmente manuscritas, às quais se refere sem grande precisão: «quae suo nomine circumferuntur». Mas parece não ter conhecimento dos *Visionum Libri* e dos *Ad Leonem Summum De Diuina Censura et Verbo Humanato Libri*.

A edição de António de Castro apresenta como contributo pessoal do editor as introduções históricas aos poemas de maior extensão e as notas marginais, de que têm interesse igualmente as de carácter histórico.

A importância dos escritos de Cataldo vem sendo cada vez mais reconhecida, mas é uma das faltas graves da nossa investigação histórico-literária, que lhes não tenha sido dada maior atenção. Quando a sua obra estiver melhor estudada, talvez se possa pôr em dúvida a crença geralmente aceite de que a introdução do Humanismo em Portugal foi um fenómeno tardio em relação a outros países da Europa, como a Espanha ou a França.

Até agora as referências a Cataldo têm-se verificado sobre questões de pormenor, à maneira de Alexandre Herculano, no vol. I do *Panorama* (2), quando notava a raridade das *Epistolae et Orationes Quaedam Cataldi*

dedicatória à Infanta D. Maria, filha de D. Manuel, nascida em 1521, logo invalida tal data.

(1) Pp. 55-276 da edição do Prof. Doutor Lopes de Almeida e do Dr. César Pegado (Coimbra, 1954).

(2) P. 65 («Agosto 26, 1837»).

Siculi e dos *Poemata* que, encadernados num só volume (1), levou de Santa Cruz de Coimbra (juntamente com muitos outros livros e manuscritos de valor) para a Biblioteca Municipal do Porto. Aí o manuseei, há tempo, no estado em que o grande historiador o conheceu.

Herculano achou curioso o testemunho de uma carta de Cataldo sobre a questão judaica, mas o interesse da correspondência do humanista, para falar só das *Epistolae* (de que, repita-se, existem dois volumes), é muito mais amplo.

A bibliografia recente sobre Cataldo encontra-se sumariada em nota (n. 5) do artigo referido do Prof. Doutor Luís de Matos que também corrige parte das inexactidões até então escritas sobre a vida e a obra do Sículo.

Temos de reconhecer, entretanto, ser a raridade dos exemplares disponíveis uma das razões de Cataldo não haver sido melhor estudado. Vem a propósito, por isso, perguntar : por que motivo entrou tão rapidamente no olvido (em pleno século xvi, como vimos) a sua produção de epistológrafo e de poeta, e se perdeu alguma daquelas histórias dos feitos dos portugueses que ele anuncia trazer entre mãos aos destinatários dos seus poemas e das suas cartas?

A primeira explicação que me ocorre, é a de que o seu primeiro discípulo, a menina dos seus olhos, o seu quase-régio pupilo, D. Jorge, filho dos amores de D. João II e D. Ana de Mendoça, é nessa correspondência acusado claramente (e com mais dureza, de maneira velada) de desinteresse, e mesmo de ingratidão, por quem se considerava como seu segundo pai. E, não obstante o tom menos acerbo das queixas na *Epistolarum... Secunda Pars* e as lisonjas propinadas em alguns trechos dos *Visionum Libri*, a verdade é que, mesmo em data posterior, as cartas

(1) Assim também no exemplar, ao contrário do portuense, em perfeito estado de conservação, que existe na Biblioteca da Universidade de Coimbra.

No tomo III dos *Livros Antigos Portugueses da Biblioteca de Sua Magestade Fidelíssima*, apenas se descreve o volume das *Epistolae et Orationes Quaedam*, o único, segundo julgo, que D. Manuel II possuiu.

O segundo volume das Epístolas e Orações, intitulado, como atrás vimos, *Cataldi Epistolarum et Quarundam Orationum Secunda Pars*, e os *Visionum Libri*, assim como o poema manuscrito *Ad Leonem Summum De Diuina Censura et Verbo Humanato*, encontram-se na Biblioteca Pública de Évora que, por sua vez, não possui os *Poemata*, existentes em Coimbra e no Porto.

ao Duque de Coimbra, de quem Cataldo se proclamava súbdito, são geralmente curtas e frias.

Ora D. Jorge, Duque de Coimbra, foi pai de D. João, Duque de Aveiro, cujo mecenatismo em relação aos literatos do tempo é conhecido, e a quem talvez não agradasse a impressão que a correspondência de Cataldo deixa do seu progenitor, em confronto, por exemplo, com as nobres e cultivadas figuras dos Marqueses de Vila Real (1), e de seu filho D. Pedro, o Conde de Alcoutim. Teria o Duque de Aveiro, ou seu pai, contribuído para o silêncio feito à volta de Cataldo ?

Era uma raça estranha esta dos humanistas. Cavaleiros andantes da cultura, apoiados na arma então recente que era o livro impresso, eles misturavam de maneira surpreendente os nobres ideais da vida intelectual com o mais rasteiro materialismo.

Côncios da dignidade nova das letras, os humanistas fugiam do vulgo profano, como na sentença de Horácio: *Odi uolguis profanum et arceo...* e procuravam o convívio dos grandes. Apenas, acontecia que os magnates da nobreza nem sempre viam neles mais do que plebeus, irritante e perigosamente enfiados.

Os reis de sangue e os que aspiravam à chefia, mesmo sem direitos hereditários, utilizavam-nos para seu reclame e proveito. E os humanistas, alçados a distribuidores da glória, esperavam naturalmente adjudicar as suas habilidades, por bom preço e a quem mais desse.

Nisto se assemelhavam eles aos poetas em vulgar, de antes e depois, por séculos a vir. Para quantos não foi a poesia um meio de ascensão social, uma forma de requerer benesses, uma outra maneira de pedinchice ?

Além disso, a exaltação dos grandes trazia consigo a glória de quem a tratava: *Poeta dum alios celebrat, seipsum immortalem facit*, escreveu Cataldo nos conselhos dedicados ao malogrado príncipe D. Afonso e repetidos ocasionalmente na correspondência com alguns dos seus discípulos. E em outra das máximas acrescentou: *Misera est poetarum condicio: aliorum laudes canunt, suas deplorant miserias: quas si non habent, summo labore adinueniunt* (2).

(1) D. Fernando de Meneses e D. Maria Freire.

(2) Cataldo é um bom exemplo da veracidade desta sua máxima... a não ser

D. João Manuel, um dos melhores amigos de Cataldo, entre as coisas que em sua vida lhe não fora dado ver, notava:

nem officio descreuer
mal seruido de presentes. (1)

E a História era igualmente uma das artes que os humanistas punham ao dispor de quem os contratava. A História, sob a aparência grave de crónica factual, apoiada em sucessos e documentos, ou na forma mais ligeira da carta particular (mas realmente destinada ao público), da epopeia laudatoria, de maior ou menor extensão, e do epigrama conceituoso.

Da rica mina de informações histórico-culturais em que abundam a prosa e o verso do Siculo, pretendo aqui salientar um dos aspectos mais interessantes, a saber, o das relações de Cataldo com os seus colegas italianos. E dada a vastidão da matéria, escolherei especialmente um dos seus correspondentes que identifiquei, graças a material bibliográfico consultado na Biblioteca da Columbia University, em Nova Iorque.

Antes, porém, de ocupar-me desse destinatário italiano das cartas do nosso humanista, é conveniente lembrar que abundam nas *Epistolae et Orationes*, ao contrário do que acontece no volume publicado anos mais tarde, na *Secunda Pars*, as missivas endereçadas a personagens de Itália.

Que interesse podiam elas ter num livro destinado sobretudo a portugueses, às personagens de alta estirpe a quem são dirigidas poesias

que as suas queixas de falta de meios, e de demoras no pagamento das pensões que lhe eram devidas, tenham alguma realidade.

Aproveito esta nota para corrigir uma informação sobre o texto de Cataldo, inserta no fim da página 336 deste mesmo volume de *Humanitas*, no meu artigo «Uma Bucólica Grega em Gil Vicente». Aí escrevi que não existe numeração de páginas nas *Epistolae et Orationes Cataldi*, afirmação que não é inteiramente exacta. Com efeito, embora as páginas não estejam numeradas, existe uma ordenação por letras, de seis em seis folhas, com algarismos romanos a acompanharem as primeiras quatro folhas subordinadas a cada letra. Esta ordenação vem ao fundo e não ao alto da folha. Assim, os *Prouerbia*, de que citámos dois exemplos, vêm de folha h iii v.º a folha h v r.º do referido livro.

(1) Em «Huïa falla ou pallauras moraeas feitas por dō Johã manuel camareiro moor do muy alto príncepe el rrey dō Manuel nosso senhor», poesia muito conhecida, do *Cancioneiro Geral*.

e epístolas? Qual a vantagem editorial, num livro impresso em Lisboa, da presença de cartas escritas, na sua maioria, muitos anos antes, a correspondentes de Itália?

Só vejo uma explicação: a da curiosidade e desejo de informações sobre o movimento cultural italiano do século xv, então existentes em Portugal.

A propaganda de si, feita por Cataldo, como humanista que era, não chega para explicar a inclusão dessa correspondência, muito anterior na generalidade, como atrás dissemos, à trocada com os nobres portugueses, seus discípulos e amigos.

Demais, nem sempre as cartas o favorecem. Através delas não é difícil ver como tentou a fortuna sem êxito em Bolonha, em Pádua, em Ferrara, em Veneza, em Roma ; como, em busca de um Mecenas, se ligou à família dos Malvícios e a um deles, Gaspar, agradece comovido a nomeação para o «Collegium Anearan!» para logo na carta seguinte mostrar irritado a sua decepção, por lhe não ter sido concedido o lugar (1).

Também terá pensado servir os Reis Católicos, como aconteceu com o seu compatriota Lúcio Marineo Siculo, com quem troca correspondência.

Numa carta, curiosíssima para o estudo da psicologia do próprio Cataldo, aconselha Lúcio deste modo : «Se ambicionas riquezas, procura Veneza, a mais rica das cidades, e aí acaba teus dias ; se aspiras à fama, à glória e seus brevíssimos fumos (atitude própria de poetas), segue os teus reis, ou ao menos a sua corte. E fá-lo, chamado de qualquer maneira, não por tua iniciativa. Se desprezas uma e outra coisa (como a filósofo convém), volta para a pátria» (2).

(1) «*Nolui ad te, nisi rem perfectam, scribere, ut latius tibi de collegio gratias agerem. Gaudeo in primis preces tuas tantopere apud patrem ualuisse. Debeoque ob id tibi multum, multo tamen magis illi. Fecit enim ut sapientissimus et gratissimus quisque in suos fidelissimos facere debet. Nam de duobus locis in collegio ancarani eodem momento uacantibus iocundissima fronte concessit nobis alterum.*

Mas logo depois, em outra carta: «*[...]J unusquisque natura ipsa ab omnibus se amari gaudet, etiam a uilissimis. Vos autem nescio quando amorem meum cognoueritis. Ille opifex omnium rerum deus sit uerus et optimus iudex. Agitur iam annus quintusdecimus quo extra patriam meis sumptibus semper magnifice vixi; ita spero duce deo in posterum me victurum sine isto collegio uestro, quod ego non pro me, sed patruele (ut scis) meo, probatissimo iuvene, tantopere conquirebam.* Desdobrei as abreviaturas neste e em todos os textos latinos de Cataldo.

(2) «*Si diuitias cupis, ditissimam uenetiarum urbem petito, ibique emorere. Si*

Seguidamente, exorta Lúcio a não entrar em questões com Nebrija (1), boato que ouvira. Lúcio talvez não precisasse de conselhos, pois num seu livro publicado em 1533, mostra ter-se dado melhor na corte de Carlos V, do que Cataldo em Portugal. E quanto a Nebrija, é nessa História de Espanha (2) repetidamente elogiado por Lúcio Marineo Sículo, numa altura em que o filólogo castelhano já falecera.

A carta a que me estou referindo, é escrita de Portugal e nela se recusa Cataldo a abandonar o ensino de D. Jorge e a voltar para a pátria, contra o que lhe aconselhava Marineo Sículo (3). Como aí se chama a D. Jorge filho único de D. João II, é de concluir que escrevia depois da morte do príncipe herdeiro D. Afonso, ocorrida em 1491, e antes de 1495, ano em que faleceu o Rei.

A resposta a Lúcio Marineo Sículo deve ser reflexo de confidências anteriores em que o nosso humanista exprimia o seu descontentamento,

ad laudem, famam, breuissimumque fumum (quod poetis peculiare est) anhelas, reges tuos sequere, aut saltem eorum curiam; idque aliquo modo uocatus, non tua sponte facias. Si utrumque (ut decet philosophum) negligis, in patriam reuerte».

(1) «Praeterea peruenit nescio quid ad aures meas, de inimicitii tibi cum antonio nebrixensi initis. Parce mihi, tibi consulto; non bene consulitur, non solum grande erratum est illum non amicum, uero multo maius inimicum retinere. Hominem nunquam, scripta tantummodo uidi. ludico prudentem et (si quid in me iudicii est) eruditum. Euasisti furiosos compatriotas et uis extra patriam solus et peregrinus sicarios in te parare, quod praeter ingenium tuum esse arbitraber, nisi forte hispania alterum te ab illo quem noram, ex diuturna consuetudine reddiderit». A epistola de Cataldo foi reproduzido por Lúcio Marineo nos *Epistolarum Familiarium Libri decem & septem*, mas com omissão da parte referente a Nebrija e dos conselhos emitidos por Cataldo, a esse respeito.

(2) *Obra de las cosas illustres y excelētes de España*, Alcalá, 1533. Os louvores andam à roda do papel pioneiro de Nebrija, em Castela. Diz Marineo Sículo: «(Nebrija) al qual finalmente deue España tanto quanto la Ytalia a Laurencio Valla que también fue el primero que a ella alumbro» (fol. ccxliij). E mais adiante: «Este fue el primero que en nuestro tiempo truxo consigo a España las musas déla Ytalia. Con las quales alanco de su patria la lengua Barbara y alumbro a toda España con lecciones de lengua latina».

(3) «Vis ut in patriam redeam? Quonam animo, illum omnium (cum uenia loquor) principum phoenicem relinquere ausim? ioannem regem qui orientem occidenti in totius christianitatis commodum coniunxit? qua item perdita audacia georgium illius unicum filium deseram? hic uiuam, hic moriar, immo (ut totum promam) malo hic emori quam alibi magnificentissime uiuere».

Impressiona a confiança com que, mais adiante, Cataldo fala, ainda em vida de D. João II, da ligação entre o Oriente e o Ocidente, que só devia realizar-se, por via marítima, três anos depois do desaparecimento do Príncipe Perfeito.

pois datam de pouco mais tarde as suas graves contrariedades com o discípulo D. Jorge.

Também a correspondência trocada com Bartolomeu Platina permite concluir que Cataldo não era muito forte em grego, como aliás confessa, embora alguma coisa soubesse da língua.

A darmos crédito às palavras que dirigiu a Bartolomeu Philaletes, que era bispo, e a Antonius Petrutius, secretário do rei de Nápoles, a sua inimizade com Lippus e Marullus, dois humanistas de que adiante falaremos, provinha do ataque por estes feito à obra de Lourenço Valia, falecido em 1457.

Sabe-se como a queda de Constantinopla, em 1453, lançou os literatos bizantinos no mundo cultural italiano, apressando a difusão do grego. Mas esta nova fase do Humanismo não se passou sem choques, pois, enquanto os tradicionalistas tendiam a apoucar as vantagens do conhecimento do grego, os defensores do contacto directo com os textos da cultura helénica diminuía, por sua vez, as grandes figuras da neolatinidade, como Lourenço Valia.

Daí que na carta ao bispo Philaletes, Cataldo chame aos dois defensores do Helenismo, Lippus e Marullus, *istos poetas laruatos*. Miguel Marulo, aliás grego de nascimento, era poeta em latim, e Lipo era poeta também.

Na epístola ao secretário Petrutius, Cataldo acusa os dois de não só se atreverem a atacar «o mais diligente expulsador da corruptíssima velha», Lourenço Valla (1), mas até lhe chamarem «o pai da velha, isto é, da barbárie, e a própria velha». («Non solum vetulae hoc est barbariae patrem appellare audent sed ipsam esse vetulam (ut tota testis est Neapolis) insolentissime affirmant»').

Fiquei, todavia, com a impressão de que o verdadeiro motivo da zanga de Cataldo talvez estivesse menos na lealdade à memória de Lourenço Valla, que no sentimento de inferioridade causado pelo seu pequeno conhecimento do grego.

(1) É curioso notar que, para os historiadores protestantes da Reforma, Valla é o único humanista do Quatrocento italiano que aplicou a crítica textual às fontes do Cristianismo, numa antecipação da actividade de Erasmo, chegando Charles Beard (*The Reformation of the XVI th Century*, Ann Arbor Paperbacks, 1962, p. 40) a afirmar: «[...] his Notes on the New Testament are the earliest work of modern Biblical criticism».

Há sinais de uma atitude crítica, em relação aos textos sagrados, na obra que conheço de Cataldo.

Tem-se dito que foi nas *Epistolae Cataldi* que, pela primeira vez, se empregaram caracteres de impressão grega em Portugal. É verdade que alguns lá aparecem, mas tão toscos em relação ao bom corte do tipo gótico do texto, que só por condescendência se pode chamar-lhes caracteres tipográficos. Devo, todavia, acrescentar que na *Epistolarum Secunda Pars*, impressa uma dúzia de anos mais tarde, se podem ler claramente duas palavras, *φιλοθροπία* e *λειπανδρία*, enquanto nas *Epistolae et Orationes Quaedam*, de 1500, só consegue ler-se bem a palavra *ιπποφόρονς* (sem espírito, nem acento).

Mas voltemos às relações italianas de Cataldo. Outras cartas colocam-nos em presença de questiúnculas entre sicilianos (a quem, aliás, a maior parte da sua correspondência é dirigida), gente da sua ilha natal em busca de fortuna na Península Itálica. E facto curioso: são também dirigidas para Itália, na sua maioria, as epístolas que Cataldo escreve, ao serviço dos reis de Portugal, D. João II e D. Manuel. Elas nos dão os nomes de portugueses que viajavam ou estudavam em Itália. Delas se conclui a existência de um intercâmbio com a fonte primeira do Humanismo, nos finais do século xv: intercâmbio de pessoas, de mercadorias e — o que é mais notável — importação de livros de Itália.

Tornando, porém, a Cataldo e seus compatriotas. É com Lippus, de quem atrás falámos de passagem, que na parte restante desta minha breve exposição, terei de preocupar-me. Só possuímos da sua convivência com Cataldo, as missivas deste. Isso nos chega, porém, para aquilatar do carácter tempestuoso das suas relações.

Graças aos recursos bibliográficos de uma biblioteca americana, pude identificar com segurança essa figura menor do Humanismo italiano, cuja carreira tem algumas semelhanças com a de Cataldo. Este chama-lhe ora «Lippus» ora, em ocasiões mais favoráveis, «Aurelius orator». Seu nome era Aurélio Brandolini.

Como Cataldo, pôs a cultura e o domínio do latim ao serviço de um potentado estrangeiro, o rei Matias Corvino dos Panónios, aproximadamente os Húngaros da nomenclatura actual, e brilhou na Corte de Buda.

Era, além de jurista, orador e mestre de arte oratória, músico, filósofo e teólogo, historiador e poeta.

Já velho, entrou para a Ordem de Santo Agostinho, ou por vocação, ou para evitar a solidão dos últimos anos. E um cronista da Ordem, que muito se orgulhava de tão excelso confrade, diz dele à maneira

da famosa reminiscência de Ovidio : «Erat etiam tam facilis in condendis uersibus cuiuscumque generis, ut quidquid dicere uolebat, carmen esset».

Este dom parece ter causado impressão aos contemporâneos, num tempo em que o cultivo da facilidade de expressão, em verso ou prosa, estava muito generalizado.

No prólogo de uma obra de Brandolini, reeditada no século xviii, em Roma, *De ratione scribendi libri tres*, vem um certo número de *testimonia*, que, descontado embora o pendor para o uso de superlativos encomiásticos, muito do gosto dos humanistas, não deixa dúvidas sobre esta prenda de verzejador latino, de Aurélio Brandolini.

Devia-se, em primeiro lugar, tal faculdade à sua excepcional memória que estava igualmente na base dos seus êxitos de orador sagrado, entre eles a famosa *Oratio de Passione Domini*, pronunciada em 1496 na presença do Papa Alexandre VI, e depois frequentemente reimpressa. O pregador agostinho faleceu no ano seguinte, em 1497.

Mais feliz que Cataldo, pudera voltar a Itália, alcançar certa nomeada entre os seus compatriotas e deixar para impressão algumas obras: *Paradoxa Christiana*, editados em Basileia em 1545, e em Roma, em 1581; *De humanae uitae conditione & toleranda corporis aegritudine dialogus*, Basileia, 1543, além da obra já mencionada *De ratione scribendi libri tres* que, saída inicialmente dos prelos, em Basileia, em 1549, conheceu no século xvi reedições, na mesma cidade, em 1585, e em Colonia, em 1573, além da já citada de Roma, em 1735.

Há ainda versos seus à morte de Platina, publicados com a obra deste humanista, e algumas composições no vol. II dos *Carmina Illustrum Poetarum Italorum*. Pelo título delas, se lhes pode adivinhar o conteúdo :

- *De laudibus Laurentii Medicis*
- *De Laurentio et Juliano fratribus*
- *De eisdem fratribus*
- *De domo Laurentii*
- *Ad Julianum, Laurentii fratrem*
- *Ad Gentilem Urbinatem*
- *Ad librum suum.*

Poesia laudatoria, encomiástica, de verzejador necessitado de protecção. O mecenatismo impunha destas obrigações e nem todos tinham a mestria poética e o fino tacto de um Horácio, para evitar excessivas subserviências.

Da sua obra metrificada escreveu Elisabetta Mayer, biógrafa mais recente de Brandolini: «[...] non ebbe un vero ingegno poetico. Egli è il tipo del poeta-dotto mediocre, caratterizzato dal culto della bellezza formale, dall'imitazione deU'antichità e dell'ostentazione della sua vasta erudizione, ma anche dalla mancanza della vena poetica» (1).

Aliás, quase o mesmo dissera Philippe Monnier de um dos maiores poetas novilatinos de Itália, do próprio Ângelo Policiano: «C'est du joli ouvrage, de l'ouvrage précieux, brillant, frotté à la pierre ponce. Hélas! ce n'est presque que cela. Car, on doit le dire, si Politien est le plus grand artiste du Quattrocento, ce n'est point un poète; ouvrier impeccable, il a fait ce miracle d'accoupler des vers jusqu'à sa mort, à peu près complètement dénué d'idées et de sentiments» (2).

Por maioria de razão, outro tanto se pode afirmar dos versos de Cataldo, entre nós.

Mas voltando a Brandolini. Também, à semelhança de Cataldo, viveu pobre. Mas à sua pobreza juntava-se ainda um defeito físico que não afligiu Cataldo. Desde a infância, foi Aurélio Brandolini doente dos olhos e viveu parte da sua vida numa quase cegueira. Daí a alcunha de Lippus, pela qual era mais conhecido do que pelo próprio sobrenome. É, por isso, comovente ouvi-lo falar da consolação que as letras lhe traziam, na cegueira e na pobreza, de que padecia. Não pode negar-se valor a um elogio das Humanidades, feito em tais condições: «O espírito entregue ao estudo e investigação das mais belas e mais altas coisas, deixa toda a preocupação e cupidez, despreza tudo quanto é humano e em nada o avalia» (3).

E mais adiante acrescenta: «Vivendo, desde que me conheço, sempre nos maiores apertos e trabalhos de corpo e alma, quer pelo naufrágio dos bens paternos, quer pela cegueira que todo o corpo me oprime, só tive esta defesa, esta única consolação das letras, graças à qual suportei, com a maior constância, todas as desgraças sobrevindas, e repeli, com a maior coragem, todas as infelicidades que se anunciavam» (4).

Esta circunstância da diminuição física nem por isso comoveu

(1) *Un Umanista italiano della corte di Matia Corvino, Aurelio Brandolini Lippo*. Roma, 1938, pp. 9-10.

(2) *Le Quattrocento*, vol. II, p. 64.

(3) Citado em latim por Elisabetta Mayer, *op. laud.*, p. 9.

(4) *Eadem, ibidem*, p. 9.

os oficiais do mesmo ofício. Em Florença, Ângelo Policiano atacou-o duramente e talvez tenha contribuído para lhe alienar a boa vontade dos Médicis, não obstante os versos laudatorios à poderosa família florentina.

E Cataldo Sículo, cujas relações com Brandolini devem pertencer ao período anterior à sua vinda para Portugal, teve com ele contactos igualmente pouco amigáveis.

Uma carta é escrita de Roma para Cataldo — como da resposta deste se conclui — e aí se encontram referências a outras enviadas da Sicília, a contactos pessoais em Nápoles e à presente situação de Cataldo em Bolonha, no séquito dos Malvícios. Orgulhosamente, o Sículo afirma: «[...] de dia para dia se reforçam os meus laços de intimidade com os magnates. A amizade dos primeiros cidadãos de Bolonha, especialmente dos Malvícios, não me deixa procurar os grandes príncipes, embora tal pensamento muitas vezes se me insinue no espírito, me persiga com frequência e agulho» (1).

E aproveita a ocasião para perguntar a Brandolini, a quem designa por «Aurelius orator», como vão as coisas com o seu Mecenas, o Rei Fernando, decerto o soberano de Nápoles. É mais carta de colega suspeito, que de amigo interessado.

E a situação com os Malvícios estava longe de ser tão brilhante como a pintava. Basta ler a sua correspondência com eles.

Brandolini parecia não ter respondido ainda, quando Cataldo, decerto através de portador de ocasião, lhe mandou breves cumprimentos em tom mais ameno.

Em verso, no epigrama irónico que manejava melhor do que o estilo épico, o nosso Cataldo também não poupou aquele a quem umas vezes chama *Aurelius*, outras *Lippus*.

Regozija-se das suas questões com Marulo, de quem Aurélio outrora fora amigo; exige dinheiro que o Lipo lhe devia; invoca a intervenção dum certo Ângelo, talvez Policiano, para reaver esse dinheiro. Se não o insulta, é para lhe confidenciar, em Nápoles, que a tirania local é pior que a da «celerada Roma» contemporânea e que a dos tiranos da Sicília, de clássica fama. E troça do defeito físico de Aurelius

(1) «[...]J multorum primatum bononiensium amicitiae, praesertim maluiciorum non sinunt me ire ad magnos principes, quamuis ea cogitatio saepe in animum reperit punxerit plerumque ac stimulauerit».

Lippus Brandolini, como geralmente é conhecido, neste cruel epigrama intitulado

Sobre Um Cego Chamado Lipo

*Há pouco, enquanto Lipo, como costuma, deambula pela cidade,
Por acaso, no meio da rua, estava um pobre burro.
Chocam ambos de cabeça. «Desculpa» — diz Lipo ao burro —,
«Desculpa, irmão, os nossos olhos nada veem» (1).*

Este epigrama é francamente de mau gosto para o leitor contemporâneo. Basta, porém, ler o *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende* para acreditar que os hábitos eram diferentes, no final do século xv.

Faltam-nos as respostas de Brandolini para avaliarmos a polémica em toda a sua extensão. Todavia, a nota do carácter susceptível e conflituoso de Cataldo vinha consigo já de Itália e deve ter sido responsável, ao menos em parte, de algumas das vicissitudes passadas pelo humanista em Portugal.

Possuo sobre a matéria elementos ainda mais abundantes que tenciono expor num estudo sobre *Cataldo, poeta áulico*.

Até lá, e para não fechar em decepção este pequeno artigo, tirarei dos provérbios dedicados ao príncipe D. Afonso, um exemplo que bem mostra a confiança do humanista no poder da cultura, de que foi em Portugal estrénuo defensor e propagandista esclarecido:

«Estava em Veneza; e entre tantas opulências e riquezas, eu nem um centavo tinha. Para suportar melhor este mau bocado, disse comigo : por quanto não venderias as letras que tens? por dez? não; por cem? não; por quanto, então? por mil áureos? de modo algum. Podes considerar, então, que tens mais de mil moedas de ouro» (2).

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

(1)

*De Caeco nomine Lippo
Nuper, ut est solitus, dum Lippus obambulat urbem,
Forte uia in media pauper asellus erat.
Trudit uterque caput, parce inquit Lippus asello,
Parce, o frater, nil lumina nostra uident.*

(2) «Venetiis cum essem, et inter tot opulentias ac diuitias nummis ad quadrantem carerem, ut durum tempus agerem, dixi ipse mecum: quanti hoc litterarum quod habes non uenderes? decem? non; centum? non; quanti ergo? mille aureis? riinime. Igitur existimes te plus mille aureis possidere».